

DISCURSOS E LETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

José Ribamar Lopes Batista Júnior

Colégio Agrícola de Florianópolis (CAF/UFPI); Universidade de Brasília (UnB)

ribasninja@gmail.com

RESUMO

A prática social de letramento inclusivo de pessoas surdas é um fenômeno recente no processo educacional do Brasil, logo presenciamos a crescente oferta da Educação Especial nas escolas regulares inclusivas. Nesse sentido, investigamos as identidades docentes, os discursos e as práticas de letramento (leitura e escrita) nessa prática social. Para a investigação, utilizamos os Novos Estudos do Letramento, a Análise de Discurso Crítica e a Etnografia. A Análise de Discurso Crítica pode ser associada aos Novos Estudos do Letramento por possuírem a concepção de que a linguagem é uma instância ideológica que contribui para a manutenção da hegemonia e/ou para a quebra de articulações mantidas por ideologias naturalizadas. O *corpus* é formado pela transcrição das entrevistas feitas com sete professores e pelas observações das aulas. Percebemos que as identidades docentes são contraditórias e absorvem tanto o discurso tradicional (docente e da família) sobre a educação como o discurso da educação especial, mas que em contato com a prática de letramento inclusivo trazem novos olhares. Por fim, vimos que a inclusão, de um modo geral, está baseada primordialmente no papel docente.

Palavras-chave: Letramento. Análise de Discurso Crítica. Educação Especial e Inclusiva.

1 Introdução

A motivação para esta pesquisa¹ estava na necessidade de investigar o Ensino Especial, nas escolas regulares inclusivas, nesse novo contexto de inclusão promovido, principalmente, a partir da Declaração de Salamanca (1994). Observamos que nessa área há vários problemas, dentre os quais destacamos a falta de qualificação dos profissionais envolvidos, o que suscita muitas dúvidas e preocupações das famílias. Nesse sentido, objetivamos investigar os discursos sobre a inclusão de alunas e alunos surdos, bem como as práticas de letramento e as identidades docentes no Ensino Regular.

No presente trabalho, abordamos de maneira crítica os conceitos de ‘identidade’, ‘letramentos’ e ‘discurso’. Esses conceitos adotados estão alinhados com a proposta de

¹ Vinculado ao Projeto Integrado *Discurso, Identidade e Práticas de Letramento no Ensino Especial*, sob a coordenação da Profa. Dra. Izabel Magalhães (UnB).

Fairclough (2003), em que o discurso (como um dos elementos da prática social) é visto como forma de representação, ação e identificação, por isso o foco na investigação das identidades docentes, por entendermos que elas são construídas nos discursos e nas práticas sociais, nas interações com os demais atores sociais nos contextos em que se encontram. Os discursos e as identidades docentes estão situados em práticas de letramento (STREET, 1984; MAGALHÃES, 2008). A metodologia adotada foi a etnográfico-discursiva, combinada com o estudo de narrativas (MAGALHÃES, 2006).

2 Embasamento Teórico

Na obra de 2007, Barton conceitua letramento como uma prática social em que eventos de letramento ocorrem. Dentro de uma abordagem social em que o letramento só pode ser compreendido e estudado como uma prática social, as *práticas de letramento*, ou seja, as práticas sociais em que o letramento desempenha um papel essencial são consideradas a unidade básica de estudo. O autor define *práticas de letramento* como os padrões culturais de uso da leitura e da escrita em uma situação particular. São unidades de comportamento que, muitas vezes, são difíceis de serem observadas diretamente porque envolvem valores, sentimentos, atitudes e relações sociais, estabelecem ligações entre pessoas e envolvem conhecimentos compartilhados, representados pelas ideologias e identidades sociais.

Segundo Silva (2007) os estudos sobre letramento podem associar-se aos pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC) para investigar como determinados usos de linguagem escrita e oral nas instituições transmitem autoridade e camuflam posições ideológicas através de palavras aparentemente neutras. Como parte da Teoria Social do Discurso², a ADC propõe:

O incentivo à pesquisa lingüístico-discursiva voltada para causas sociais e a favor das minorias. Propõe investigações que configurem a busca de soluções para problemas decorrentes de discursos que envolvem questões de educação, letramento, bem como assimetrias de poder, de gênero social

² A teoria social do discurso considera a linguagem com uma forma de prática social, um modo de representação e um modo de ação sociohistoricamente construído e o texto como uma tessitura social, em que estão sugeridas as estruturas e práticas e de onde é possível distingui-las. (FAIRCLOUGH, 2001; MAGALHÃES, 2004; LIMA, 2006; BATISTA JR, 2008)

e de hegemonia, entre outros, razão pela qual estimula estudos que envolvam desde discursos institucionalizados, de âmbito educacional, religioso, político, econômico e midiático, até os que envolvem relações implícitas e explícitas de lutas de classe, conflitos interétnicos e de discriminação, tais como uma forma de pesquisa social, e como tal, equivale a uma prática teórica crítica, principalmente porque leva em conta a premissa de que situações opressoras podem ser mudadas, uma vez que decorrem de criações sociais passíveis de ser transformadas socialmente (SILVA E RAMALHO, 2008, p. 266 e 267).

Os estudos de Fairclough, na obra de 2003, consistem em propostas para a análise de textos que sirvam para a pesquisa social. O autor elabora uma proposta analítica mostrando que as dimensões discursivas (discursos e textos) influenciam e se formam nas práticas sociais, completando o arcabouço teórico-metodológico da proposta de Chouliaraki e Fairclough (1999)³. Assim, Fairclough propõe um método para investigar as práticas na modernidade tardia como, por exemplo, as práticas discursivas de letramento (MAGALHÃES, 1995).

Além disso, a ADC é uma abordagem transdisciplinar para estudos que se ocupam com o discurso, compreendido como forma de ação, representação, constituído socialmente, bem como das identidades, relações sociais e sistemas de crenças e valores. Ou seja, o discurso é um modo de representar o mundo, de agir nele, bem como um modo de identificar a si mesmo e aos outros, contribuindo para a constituição de modos particulares e sociais de ser, ou seja, contribui para a formação de identidades sociais ou pessoais particulares. Entretanto, com a modernidade tardia⁴, observamos que a questão da identidade é um aspecto discursivo de mudança cultural e social muito importante que tem sido esquecido, como mostra Hall (2003, p. 7) “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”.

A identidade não pode ser reduzida à identidade social, em que parte significa que a identificação não é um processo puramente textual, não somente uma questão de língua. As pessoas não são apenas pré-posicionadas como participantes de eventos sociais e textos,

³ Os autores consideram que o discurso passa a ser visto como um momento das práticas sociais, existindo, assim, outros momentos como relações sociais, poder, atividades materiais, instituições/rituais, crenças, valores e desejos, em que estão numa relação dialética, logo um pode interferir ou ser interferido por outro, sem, contudo se reduzir a eles.

⁴ Termo utilizado por Giddens (2002) para designar o período atual do ocidente.

mas também são agentes sociais que atuam no mundo. (FAIRCLOUGH, 2003). Essa visão coaduna-se com as reflexões de Castells (2006, p. 22-23) sobre o conceito de *identidade*, entendido como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o/s qual/ais prevalece/m sobre outras fontes de significado”.

Assim, as duas teorias (ADC e TSL), com base em estudos etnográficos, possibilitam investigar os processos de hegemonia, ideologia e relações de poder tanto nos discursos como nas práticas de letramento, no caso da pesquisa, inclusive, consideradas como as articulações entre os elementos sociais para que ocorram as atividades que envolvem ou resultem de textos escritos que visam tornar a pessoa deficiente incluída no contexto escolar.

Enfim, as práticas de letramento inclusivo (BATISTA JR, 2008, 2009; SATO, 2008) diferenciam-se em decorrência do ambiente em que estão situadas, mas tudo recai sobre a escola, e nela podemos perceber a profundidade e a penetração de cada uma. Logo, um olhar atento e crítico que se lança sobre uma realidade pouco analisada não só apontará relações provavelmente desiguais e preconceituosas, mas poderá sinalizar com propostas mais sólidas e um caminho para mudanças significativas nas políticas públicas de inclusão das pessoas deficientes, principalmente, no setor educacional.

3 Fundamentos e Procedimentos Metodológicos

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa (BAUER E GASKELL, 2002; FLICK, 2009; DENZIN E LINCOLN, 2006) que consiste na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento e na variedade de abordagens e métodos.

A abordagem qualitativa é “indicada quando se pretende focar representações de mundo, relações sociais, identidades, opiniões, atitudes, crenças ligadas a um meio social” (RESENDE, 2009, p. 57). Essa abordagem tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador ou a pesquisadora como seu principal instrumento, isto é, supõe o

contato direto e prolongado desse/a com o ambiente e a situação que está sendo investigada.

Realizei esta pesquisa em duas escolas públicas do Distrito Federal (DF). Essa escolha foi feita porque são escolas consideradas modelo de inclusão e pela maior quantidade de alunas e alunos surdos inclusos. Os sujeitos deste estudo são professores e professoras de escolar regular, em cuja sala de aula estudam pelo menos um/uma aluno/a surdo/a.

Em um primeiro momento, fiz uma observação inicial em que pretendia conhecer os locais selecionados para a realização da pesquisa, bem como estabelecer contato com os/as participantes. Em seguida, realizei um trabalho de campo com base nos pressupostos da etnografia, “a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (ANGROSINO, 2009, p. 30).

Para a geração dos dados, os instrumentos utilizados foram entrevistas informais, narrativas e notas de campos. O *corpus* é formado pelas transcrições das entrevistas realizadas com sete professores/as no período de outubro a dezembro de 2007 e fevereiro a maio de 2008.

4 Resultados e Discussões

Nesta seção, apresento as análises das entrevistas feitas com os/as participantes da pesquisa, identificando os letramentos, os discursos, as identidades e a influência dessas dimensões na prática de letramento inclusivo.

Com o trabalho de campo, as observações e a análise, percebo que houve mudança das práticas, por mais que os/as professores/as⁵ não tenha consciência sobre gêneros discursivos, pois ao comentarem sobre o desenvolvimento das suas atividades sempre se referem a gêneros como textos. Constato a existência de uma prática emancipatória pelo fato de os/as professores/as fazerem as adaptações necessárias, bem como utilizarem recursos inclusivos.

⁵ Todos os nomes registrados, de professores e professoras, neste trabalho, são pseudônimos.

O desenho é citado pela maioria das professoras, principalmente, nas falas daquelas que trabalham com Ciências, Geografia e História. Esse gênero discursivo está presente sempre nas aulas e atividades não simplesmente com a intenção de preencher espaço da aula ou para passar o tempo, mas, principalmente, para a avaliação, na maneira das professoras observarem até que ponto determinado conteúdo foi realmente compreendido pelo/a aluno/a. Nesse sentido, o desenho apresenta uma nova característica por conta da mudança da prática inclusiva.

Observo, também, a forma como os/as professores/as representam os pais dos/as seus/suas alunos/as por meio do **discurso da família tradicional**, em que há um distanciamento dos pais em relação à educação dos/as filhos/as, a pouca participação e envolvimento nas atividades escolares, bem como o não acompanhamento na vida escolar, seja os/as filhos/as surdos/as ou não.

Outra mudança significativa com relação à educação é o fato da família acreditar que, hoje, toda a responsabilidade é da escola e do/a professor/a. Logo, pelo fato de a família, na maioria dos casos, não aceitar a LIBRAS como a língua que deve ser utilizada para facilitar a mediação com os/as filhos/as surdos/as, para ajudar na orientação, no acompanhamento escolar, tem ecoado nas falas das professoras o **discurso da sexualidade**. Na verdade, o que se observa é que falta um cuidado maior por parte da família com relação à educação.

Nas suas falas, as professoras deixam claro que há características que são próprias dos homens e outras, exclusivas das mulheres, por isso a predominância das mulheres no Ensino Especial, principalmente, quando se referem às mulheres como **'mais maternal'**, **'vão atrás'**, **'mais curiosa'**, **'mais agitada'**, **'está mais aberta'**, **'mais paciência'**, **'mais facilidade de interagir-se, de integrar-se'**, **'mais engajada'**. Enquanto que o homem é caracterizado como **'ficam mais no canto'**, **'mais na dele'**, **'falta um pouco de sutileza'**, **'não é todo homem que tem essa paciência'**, **'não sejam dedicados'**.

O governo, aparentemente, pretende melhorar a educação no país com vários projetos, porém não oferece condições para isso ou, muitas vezes, quer empregar modelos adotados em outros países com bastante sucesso, sem fazer a real adaptação ao contexto onde vai ser aplicado. Além disso, faz parcerias com a iniciativa privada em que os resultados esperados são mais quantitativos do que qualitativos, como atesta Batista em **'as**

parcerias é sempre visando lucro, **'de graça isso não é'**. Temos, então, um discurso do novo capitalismo, que mostra o abandono do Estado.

Apesar de todas as adversidades, observo total engajamento dos/as participantes, pois atuam na Educação Especial por acreditarem que podem contribuir de maneira significativa para o ensino das alunas e dos alunos surdos. Suas atitudes e falas mostram um discurso da mudança, **um discurso emancipatório**, no sentido de que realmente a inclusão aconteça de maneira efetiva, por mais que alguns ainda tenham um discurso tradicional de ensino, pois ainda estão, a cada ano, fazendo tentativas para que possam melhorar, cada vez mais, suas práticas de letramento inclusivo.

Na análise das entrevistas, percebemos uma referência genérica (uso do masculino) quando os/as professores/as falam da visão que têm de si e sobre a sua profissão, o seu exercício. Isso revela que as mulheres são tidas como não agentes e os homens, agentes. Em outros momentos, os/as professores/as valorizam sua profissão, mesmo que para isso desvalorizem outras. Há uma visão generalizada de que as mulheres escolhem a profissão de professora no intuito de conciliarem-na com as práticas familiares.

De todos/as participantes, Rosa, no seu discurso, assume sua identidade docente ao dizer **'eu, professora Rosa'**. Constitui sua identidade docente como algo em construção, em processo de reflexão, pois assume uma postura de querer capacitar-se (outra características fundamental na prática do letramento inclusivo), entretanto sua identidade familiar influencia, negativamente, ao mostrar aspectos familiares e financeiros que impedem a sua atualização profissional. Apesar das adversidades, percebi que isso não influencia de forma negativa a sua prática docente, pois ela sempre questiona suas metodologias, seus conhecimentos, realizando seu trabalho, mesmo que limitado, de forma reflexiva.

Teresa mostra que sua identidade pessoal é mais importante do que a identidade profissional (docente, no caso), porque ela atribui sua escolha profissional à relação que ela pode manter com sua família, tais como, **'tempo para minha família'**, **'férias com a família'**. Percebe-se um discurso hegemônico de que as mulheres só podem trabalhar em profissões que lhes permitam o concílio com os afazeres domésticos. Conseqüentemente, a identidade docente é secundária para esta professora.

5 Algumas Considerações

A reconfiguração das práticas sociais trouxe a emergência de novos gêneros discursivos associados ao letramento inclusivo de alunas e alunos surdos no contexto do Ensino Regular. A prática docente, bem como a identidade docente dos/as participantes estão em processo de mudança e de flexibilidade, pois percebo ainda a naturalização de discursos hegemônicos, alternando-se com discursos que apresentam uma perspectiva emancipatória, no sentido de favorecer uma inclusão efetiva e dinâmica. Outro aspecto é que assim como os discursos docentes, as práticas também apresentam duas características: algumas refletem o ensino tradicional e outras configuram-se como inclusas. Assim, faz-se necessária uma mudança não só na postura do/a professor/a, mas também do Estado, responsável em regular as práticas do ensino, sejam elas inclusivas ou não.

Referências

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARTON, David. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Oxford, Cambridge: Blackwell Publishers, 2006.

BATISTA JR, José Ribamar Lopes. Os discursos docentes sobre inclusão de alunas e alunos surdos no Ensino Regular: identidades e letramentos. 2008. 151 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

_____. Gêneros discursivos nas práticas de letramento inclusivo. In: SIGET, Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 5, 2009, Caxias do Sul – RS. Anais do 5º Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caxias do Sul: Editora da UCS, 2009. p. 1-20.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CHOULIARAKI, Lillie.; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Coord. trad. revisão e prefácio à ed. brasileira Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

_____. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. T. T. da Silva. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LIMA, Elcivanni Santos. Discurso e identidade. Um olhar crítico sobre a atuação do(a) intérprete de Libras na educação superior. 2006. 163 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MAGALHÃES, Izabel. Práticas discursivas de letramento. A construção da identidade em relatos de mulheres. In A. B. Kleiman (org.) **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. Teoria crítica do discurso e texto. **Linguagem em (Dis)curso**. v.4, n. especial, Tubarão: Ed. Unisul, 2004.

_____. Discurso, ética e identidades de gênero. In: MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M.; CORACINI, M. J. (Orgs.) **Práticas identitárias**. Língua e discurso. São Carlos, SP: Claraluz, 2006, p. 71-96.

_____. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. **Calidoscópico**, vol. 6, n.2, 2008, p. 61-68.

RESENDE, Viviane. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**. Campinas, SP: Pontes, 2009.

SATO, Denise Tamaê Borges. A inclusão da pessoa com Síndrome de Down. Identidades docentes, discursos e letramentos. 2008. 149p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SILVA, Denize Elena Garcia. da; RAMALHO, Viviane. Análise de Discurso Crítica: representações sociais na mídia. In: LARA, G. M. P., MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (orgs.) **Análise do discurso hoje**, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

SILVA, Edna Cristina Muniz. da. Gêneros e práticas de letramento no Ensino Fundamental. 2007. 300 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.